



Carlos Gomes embranquecido – imagem e tensões raciais em torno da memória do artista, séculos XIX-XX.

Palavras-Chave: Carlos Gomes; embranquecimento; racismo; memória nacional.

Autoras:

Isabelle Cristine de Souza Germano [Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP]

Prof^a Dr^a Raquel Gryszczenko Alves Gomes (orientadora)

[Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP]

INTRODUÇÃO:

A pesquisa realizada teve como objetivo discutir a construção da imagem de Antonio Carlos Gomes que foi embranquecida, buscando compreender como ocorreu a manutenção de sua imagem, já que nos dias atuais ele ainda é considerado um artista branco.

Carlos Gomes foi musicista brasileiro considerado muito importante na música clássica. Nasceu em 1836, em Campinas, e faleceu em 1896, aos sessenta anos em Belém. Filho do maestro Manuel José Gomes e Fabiana Maria Jaguari Cardoso. Sua figura está vinculada a grandes marcos de sua carreira, como por exemplo, ser o primeiro artista da música clássica brasileiro a ter carreira internacional, o artista consegue esse feito devido a sua ida para estudar no conservatório de música do Rio de Janeiro, em 1860, e teve oportunidade de expor suas óperas, assim conseguiu o auxílio de Dom Pedro II para estudar na Itália com vários maestros. Reconhecido inclusive por ser o primeiro brasileiro a se apresentar no Teatro Ala Scala que fica em Milão, local em que estreou sua obra *O Guarani* (1870), uma das grandes produções operísticas brasileira.

O Guarani é uma composição que traz uma adaptação do romance de José Alencar, que rompe com a tradição ao trazer mais dramaticidade, novas harmonia e ritmo, conquistando aclamação fora do Brasil. Assim, podemos cogitar que, no momento em que vivia, ser reconhecido como branco era essencial para sua carreira e a construção de sua imagem. Desta forma, o trabalho dele se desdobra em três âmbitos que são vistos separadamente no projeto, mas ao percebe-se que as discussões na sociedade estão entrelaçadas. O primeiro é a discussão sobre o racismo presente na narrativa do país e como influencia na visão que o artista quer construir sobre si, em seguida abordo as produções imagéticas do compositor que temos fácil acesso, avaliando como as tecnologias dispostas na época

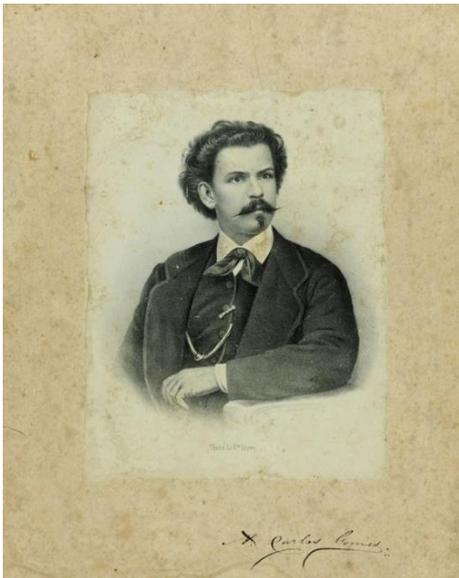


Figura 1: Fotografia do Carlos Gomes. Retirado do site G1

podem influenciar na interpretação atual, e por último abordo questões sobre memória e como ocorre atualmente esse resgate de figuras nacionais em “locais de memória”¹.

Iniciei com a narrativa considerada oficial do Brasil, pensando a representatividade do negro como agente que produz a narrativa brasileira, utilizando de autores como Lilia Schwarcz e Silvio Almeida. Em seguida, questiono as tecnologias fotográficas disponíveis na época, pois tinham um padrão de quem era representado e a partir de fotografias analiso os elementos presentes na composição, como sua vestimenta, pose, chapéus podem nos inferir a interpretar sua classe social e sua importância. Por fim, procuro entender o conceito de memória, pois o resgate do artista permite uma

análise do motivo pelo qual ele ainda é considerado branco institucionalmente, já que a prefeitura de São Paulo que exibiu painéis para resgatar a memória de artistas embranquecidos e entre eles Carlos Gomes era referenciado².

METODOLOGIA:

Para compreender como a imagem do musicista é lembrada, acessei fotografias do musicista disponíveis em sites, blogs e notícias, a maioria de fácil acesso pela internet. Abordando a fotografia como registros de momentos ou do compositor que contém uma narrativa, principalmente pela maioria das fotos serem posadas e repetirem um padrão. A primeira que utilizei foi uma foto de sua adolescência, cuja data de produção pode ser estabelecida entre 1848 e 1854, e feita por um autor desconhecido. Essa imagem vai ser comparada com outros registros do artista em outro período.

Além dos registros utilizei o monumento-túmulo para entender como sua imagem é representada em outras linguagens artísticas. O monumento fica localizado no centro de Campinas, no largo do Carmo, onde fica o marco zero da cidade. A escultura foi realizada pelo artista Rodolfo Bernadelli em granito e contém a cantora lírica na base Maria Monteiro, representando Campinas, enquanto o artista está

¹ Conceito desenvolvido por Pierre Nora, no século XX, e que pode ser material, funcional e simbólica, ou seja, pode ser uma memória representada por monumentos, hinos, tratados... que transmite a lembrança de uma pessoa ou fato vivido por outras pessoas no passado.

² PREFEITURA DE SÃO PAULO CULTURA. *Painéis resgatam negros ilustres, 'branqueados' pela história*. Disponível em <<https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/imprensa/index.php?p=950>>. Acesso em: 10 de agosto de 2021.

representado em tamanho real e de corpo inteiro na posição de regência e inaugurada no dia 02 de julho de 1905.

As investigações foram auxiliadas por leituras sobre temáticas importantes da época como o racismo presente no Brasil, além das questões sobre o embranquecimento da população como a miscigenação no século XIX, de forma a influenciar a visão do expectador que ao acessar sua fotografia e o monumento interpreta que o artista é branco, já que ao pensar nos agentes da arte da época e no contexto das teorias raciais do século XIX temos uma hierarquia entre religião, produções, cultura, música europeia em relação às produções da população indígena e preta.

DISCUSSÃO:

Antes da análise dos materiais encontrados é necessário entender qual o contexto em que as referências estão inseridas. Para compreender como o artista ainda é socialmente reconhecido como branco, pesquisei sobre o conceito de memória, um conceito muito estudado, no qual o projeto considera ser processo histórico. A memória é uma construção que contém um sujeito e uma disputa, sendo uma produção do presente. Segundo, Maurice Halbwachs, as pessoas são indivíduos sociais que compartilham valores e também lembranças, então a memória é coletiva e podemos associá-la com a história considerando que “A história é compilação dos fatos que ocuparam maior lugar na memória dos homens.”³

A percepção de raça construída historicamente surge a partir de preconceitos raciais atrelados a política, práticas econômicas, sociais e culturais. De forma que a cultura a se espelhar não era dos negros, pardos e indígenas, parte importante da população que se encontrava no Brasil na época da colonização. Como aprende-se nas escolas, a história oficial conta que no século XVI, ao descobrirem o país, registram em documentos que era o paraíso na Terra, por conta do clima tropical, a variedade ambiental, natureza, mas os povos que viviam nesse local era “selvagens” com costumes estranhos, bárbaros.

Assim os europeus no século XVIII começam a catequizar os povos nativos, com uma crença de estar fazendo algo divino por essas populações. Exercendo assim uma posição hierárquica, na qual atuam cada vez mais na regularização dos ideais, condutas, entre outros. Neste momento, o termo raça, como demonstrado por Lilia Schwarcz no livro *Racismo no Brasil*, está vinculado a grupos com origem em comum, que no caso dos indígenas e negros, era interpretando que possuíam uma origem inferior.

No século XIX, temos as teorias Darwinistas que procura definir as diferenças a partir de

³ HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 1990. p. 100.

fenótipos e os atributos externos para definir a moral dos povos, condicionando raça a um fator biológico que condiciona o futuro das nações. Nessa ocasião, o Brasil começa ao ser referenciado em sua maioria das vezes com um critério racial negativo, pois o país era visto como um laboratório racial por conta da presença da mistura de raças, tendo a ciência como lógica estruturante desse pensamento.

Em 1933 é publicado o livro *Casa grande & senzala* de Gilberto Freyre, falando sobre como a miscigenação do Brasil traz uma imagem da sociedade brasileira que não tem preconceito racial, pensamentos que outros intelectuais vão se opor, como citado por Schwarcz, isso caracteriza o racismo à brasileira que começa a perceber primeiro a coloração das peles antes da raça. Assim, no Brasil definimos a cor a partir de instituições que reproduzem uma estrutura social que em circunstâncias políticas e econômicas são reflexo da sociedade racista. A cor é diferenciada a partir da situação propiciada por essa estrutura.

Essas questões vão ser essenciais para interpretação da imagem de Carlos Gomes, pois são histórias reproduzidas e compartilhadas de forma que quando pensarmos em um compositor de música clássica, o associamos a um homem branco, assim como ocorre com outras figuras destacadas que aprendemos nos livros didáticos. A análise de suas fotos mostra sua pele pouco pigmentada, a coloração preto e branco influenciam para o embranquecimento, demonstra um interesse de construir uma narrativa com sua imagem, pois a maioria são imagens posadas, com fundo neutro, roupas sociais e olhar desviando do espectador.

Seu monumento também não demonstra nenhuma característica que possamos interpretar a imagem do musicista de uma outra forma, já que a representação ressalta bastante sua importância por estar esculpido em tamanho real, de corpo inteiro e está localizado em cima de uma base grande. É interessante observar a reprodução de elementos presentes na fotografia, como o olhar para o horizonte e a roupa social, padronizando algumas características.

Além dos documentos acessíveis e seu nome citado nas placas, praças e escola percebe-se o embranquecimento do pai do artista também, que foi registrado em seus documentos como pardo apesar de ser uma pessoa negra. Contribuindo, ainda mais, para que a interpretação de Carlos Gomes seja de um homem branco. Assim, seu reconhecimento enquanto pessoa negra pode se dar no meio institucional, mas socialmente não.

CONCLUSÃO

O racismo estrutural, atrelado a construção da imagem do musicista a partir de monumentos, fotografias, biografias, mesmo com ações como da prefeitura de São Paulo, contribuem para a

percepção da imagem do musicista embranquecida ainda nos dias atuais. As imagens são registros que normalmente as pessoas fixam como representação do real, mas que foram construídas a partir de elementos compositivos.

O resgate de figuras históricas e outras narrativas se torna cada vez mais atual e discutido, principalmente após a implementação da Lei 10639/03, que tornou obrigatório o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira nas escolas, sendo um possível caminho para reconstruir a imagem de uma pessoa ilustre como Carlos Gomes. A emissora Globo começou a produzir também uma novela, chamada *O selvagem da ópera*, das 18h e escalou o ator negro Renan Monteiro, que também faz o papel do Machado de Assis, outra pessoa ilustre que foi embranquecida, na novela *Nos tempos do Imperador*. Assim sendo um possível caminho para reconstruir a imagem do artista socialmente.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?**. Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.

COMPLEXO THEATRO MUNICIPAL. **Audição de atores para a Ópera Fosca**. Disponível em: <https://theatromunicipal.org.br/pt-br/noticia/audicao-de-atores-para-a-opera-fosca/>. Acesso em: 15 jun. 2021.

G1. **Acervo do compositor Antônio Carlos Gomes no Museu Imperial recebe título de Patrimônio da Humanidade**. Disponível em: <https://g1.globo.com/tj/regiao-serrana/noticia/acervo-do-compositor-antonio-carlos-gomes-no-museu-imperial-recebe-titulo-de-patrimonio-da-humanidade.ghtml>. Acesso em: 10 jun. 2021.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**; tradução Laurent Léon Schaffter – 2 ed – Editora Revista dos Tribunais LTDA, 1990.

JORNAL DA UNICAMP. **Memória individual e coletiva**. Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/index.php/ju/noticias/2019/05/27/memoria-individual-e-coletiva>. Acesso em: 19 ago. 2021

NOGUEIRA, Lenita. **A lanterna mágica e o burrico de pau: memórias e histórias de Carlos Gomes**. Arte escrita; São Paulo: FAPESP, 2011.

O GLOBO. **Com ensaios a pleno vapor, 'O selvagem da ópera' é suspensa**. Disponível em: <https://kogut.oglobo.globo.com/noticias-da-tv/noticia/2019/10/com-elenco-escalado-e-ensaios-pleno-vapor-globo-suspende-o-selvagem-da-opera.html>. Acesso em: 29 abr. 2020.

PREFEITURA DE SÃO PAULO CULTURA. **Painéis resgatam negros ilustres, 'branqueados' pela história**. Disponível em <<https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/imprensa/index.php?p=950>>. Acesso em: 10 ago. 2021.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Racismo no Brasil**: Lilia Moritz Schwarcz. São Paulo, SP: Publifolha, 2001.

KOUTSOUKOS, Sandra. **Negros no estúdio fotógrafo: Brasil, segunda metade do século XIX**; Editora da Unicamp, 2010.